

O drama da doença: Tragédia e Medicina na Construção das *Dramatis Personae* platônicas

The drama of disease: Tragedy and Medicine in the Construction of Platonic Dramatis Personae

Resumo

A doença é um evento transcultural, pelo fato que ela interfere nos rumos da cultura, bem como na política, nas artes e na moral de um povo. Ela também foi, desde as origens do pensamento ocidental, um ponto de contato entre Tragédia, Medicina e Filosofia. Este artigo pretende acompanhar de perto as estratégias pelas quais Platão se apropriou de elementos da medicina e do teatro para construir suas *dramatis personae* enfermas, para em seguida procurar compreender um dos motivos de seu distanciamento da tragédia na República.

Palavras-chave: Platão; Tragédia; Doença; Alma; Cidade.

Abstract

Disease is a cross-cultural event, because it interferes with the course of culture, politics, the arts, and the morals of a people. It was also, from the origins of Western thought, a point of contact between Tragedy, Medicine and Philosophy. This paper intends to follow closely the strategies by which Plato appropriated elements of medicine and theater to build his *dramatis personae* diseased, and then try to understand one of the reasons for his distancing himself from the tragedy in the Republic.

Keywords: Plato; Tragedy; Disease; Soul; City.

* Professor de Filosofia Antiga no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: gabriele.cornelli@gmail.com

** Doutorando em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra e em Bioética pela Universidade de Brasília. E-mail: matsui.sussumo@gmail.com

Introdução

Platão aceita e incorpora, em suas reflexões sobre o destino da alma individual e da cidade diversos elementos trágicos, ao ponto de podermos tranquilamente definir o coração de sua filosofia como uma tragédia da alma e da cidade. A questão central é que o indivíduo precisa ser curado, sua alma precisa ser recomposta, assim como a cidade que se encontra em *stasis*, através de um plano de (re)educação do cidadão, elaborado pelo médico da cidade, a saber, o filósofo. Seguindo essas intuições sobre a construção dramática da filosofia do fundador da Academia, já desenvolvidas em outro momento (CORNELLI, 2010, p. 69), partiremos da anedota de Diógenes Laércio, em sua *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, a qual narra que Platão (D.L. 3.6):

Da Itália viajou para o Egito em visita aos profetas, segundo dizem acompanhado por Eurípides, que lá adoeceu e foi curado pelos profetas, sacerdotes; estes o trataram com água do mar, e por isso Eurípides teria dito em alguma de suas peças: “O mar lava todos os males dos homens.”¹

A proximidade entre Platão e Eurípides atestada nesta passagem vai mais além do que um simples lampejo da *Vita Platonis*, elevando a narrativa para um ponto de contato comum entre os dois: a doença. É certo que a metáfora da alma e da cidade doentes já aparece antes na literatura grega, e pode ser percebida nos poemas de Sólon (F 4 W, *Eunomia*) e Safo (*frag.* 1), com também em Arquíloco (fr. 13 West) e nos versos 1134-1135 da *Theognídea*. Além disso, a imagem de médico da cidade está presente em Píndaro (Pi. P. 270).² Sem embargo, o nosso objetivo não é caminhar por esta via, que envolve conceitos e discussões que iriam extrapolar a economia deste ensaio. Ao contrário, buscar-se-á outro trajeto: a análise da forma com que o antes tragediógrafo e depois mestre da Academia adaptam elementos da nosologia hipocrática para construir as *Dramatis Personae*, isto é, as personagens dramáticas que Platão faz dialogar entre elas em sua obra dialógica.

1 Orig.: ἔνθεν τε εἰς Αἴγυπτον παρὰ τοὺς προφήτας· οὐ φασι καὶ Εὐριπίδην αὐτῷ συνακολουθῆσαι καὶ αὐτόθι νοσήσαντα πρὸς τῶν ἱερέων ἀπολυθῆναι τῇ διὰ θαλάττης θεραπείᾳ· ὅθεν πού και εἰπεῖν· θάλασσα κλύζει πάντα τῶνθρώπων κακά.

2 Para uma discussão mais aprofundada destas passagens e da metáfora da cidade doente, cf. o recente artigo de Bacelar (2017).

1. Medicina e Tragédia: o drama da doença

De início, faz-se necessário discutir a validade da distinção entre doença e enfermidade. Lloyd (2003, p.1-3) argumenta que atribuir o caráter objetivo para a primeira e o subjetivo para a segunda não é suficiente para dar conta de todas as nuances nosológicas. Sigerist (2011, p. 1-18) e Helman (2009, p. 119-128) observam que a doença se mostra como uma experiência capaz de alterar a vida de uma pessoa e a enfermidade, a civilização. Talvez, isso faça sentido para as palavras “disease” e “illness”, o que para nós, etimologicamente, não alteraria semanticamente uma possível intercalação dos termos, tendo em vista que enfermidade, *infirmitas*, está ligada à fraqueza corporal e doença, *doleo*, ao sentir dor.

Ademais a doença também possui um caráter coletivo, pois segundo Grmek, ela “é um dos fatores que forjam o destino do homem” (1983, p.32), podendo afetar a economia, os movimentos demográficos, os costumes e a moral de um determinado povo. Tendo em vista esse poder que as moléstias podem exercer sobre os rumos da civilização, a saúde e a doença não podem ser objetos exclusivos da medicina; ou como já pontuava Aristóteles (Arist. *Resp.* 820b 25), tanto o médico quanto o investigador da natureza devem se preocupar com as afecções humanas.

Por sua vez, o teatro buscou nas imagens da doença fonte para pensar sobre causa e responsabilidade, corpo e alma, purificação e poluição, autoridade e especialista, realidade e aparência, bem e mal (LLOYD, 2003, p. 1). Acrescenta-se que os tragediógrafos, como Eurípides, estavam em constante diálogo com as técnicas de cura do seu tempo³ (KOSAK, 2004, p 1-15), por isso, *pace* Kitto, percebe-se como inconcebível a ideia que a própria “medicina não é drama” (KITTO, 1961, p.224).

Em outras palavras, não se deve procurar na práxis trágica uma etiologia médica (PIGEAUD, 2006, p. 391) e, conseqüentemente, reduzir o fenômeno artístico às práticas e teorias desenvolvidas pelos hipocráticos. Muito menos se deve restringir a tragédia a uma simples dualidade ou um conflito entre unidades e multiplicidade, nem limitar os seus temas às doenças e à morte (ROSENMEYER, 1998, p. 154-155). Não obstante, em várias peças de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, consegue-se um efeito dramático mais “realista” ao aproximar as descrições das doenças, das enfermidades, dos males e das pragas aos relatos hipocráticos. De forma inversa, os hipocráticos usavam as técnicas do teatro para impressionar seus pacientes.

3 Francis Dunn (2017, p. 447-468) traz pensamentos instigantes sobre o contexto intelectual de Eurípides, além de uma bibliografia atualizada.

O médico quase sempre estava circundado de pacientes e seus parentes, discípulos e assistentes, e pessoas que desejavam ver o espetáculo da cura. Esta publicidade aproximava o profissional da saúde dos atores, a qual foi percebida pelo autor da *Lei*:

*Tais pessoas são muito parecidas com os figurantes que se apresentam nas tragédias: da mesma forma que têm postura, traje e máscara de ator, mas não são atores, há também muitos médicos de nome, mas poucos de fato*⁴.
(Hp. Lex, 1)

A teatralidade⁵ dos médicos pode ser percebida em “espetáculos terapêuticos”, tais como a sucessão pela escada e as bandagens exageradas, e na preocupação com o “palco”, nomeadamente a aparência e a luz do consultório. O autor das *Articulações* (Hp. Art. 44) diz que estes profissionais são vergonhosos (*aischron*), pois oferecem a uma grande multidão um brilhante show e um magnífico discurso, e em seguida *nada fazem de útil* (*meden ophesai*). Deve-se ressaltar que nenhum dos escritores está condenando os recursos dramáticos, o primeiro compara o falso terapeuta com o falso ator, deixando implícita a aprovação no que concerne ao *altera pars*; o segundo condena a ineficácia. Tendo em vista que a profissão médica não era devidamente regulamentada, os doutores necessitavam destes talentos “teatrais” para angariar pacientes.

Eurípides também queria cativar seu público se orientando por uma perspectiva realista de criação de suas peças. É por esta mesma tendência, que resulta em devassar com certa crueldade a fragilidade humana que Eurípides é satirizado nas *Rãs* de Aristófanes (Ar. Ra. 950-955). Além disso, como percebe Ferrini (1978, p. 49-62), ele não teria insistido tanto na descrição do ataque epilético de Orestes se não tivesse esperando por uma reação da plateia a essa cena. Possivelmente, sua fonte principal para esta descrição pormenorizada, assim como para outras que povoam suas tragédias, deviam ser os debates públicos dos médicos⁶, tendo em vista que o *Corpus hippocraticum* (CH) tal como conhecemos não existia ainda.

4 Orig.: Ὅμοιοτάτοι γάρ εἰσιν οἱ τοιοῦδε τοῖσι παρεισαγομένοισι προσώποισιν ἐν τῇσι τῶν γωδιῆσιν· φῶς γάρ ἐκεῖνοι σχῆμα μὲν καὶ στολὴν καὶ πρόσωπον ὑποκριτοῦ ἔχουσιν, οὐκ εἰσὶ δὲ ὑποκριταί, οὕτω καὶ ἰητροὶ, φήμη μὲν πολλοὶ, ἔργω δὲ πάγχυ βαιοί.

5 A teatralidade dos médicos é tratada por Jouanna (1992, p. 109-147), dialogando com a iconografia, tragédia, comédia e com *Corpus hippocraticum*.

6 A tradição nos informa através de Diógenes Laércio (D.L. 2.10) que Eurípides foi discípulo de Anaxágoras, o qual estava próximo dos debates hipocráticos.

Ainda que já Ésquilo e Sófocles haviam se interessado pela medicina, é de fato Eurípides quem introduz a doença no coração da poesia trágica (CRAIK, 2001, p. 81-95). E faz isso

a) explorando um sentido residual, oriundo da medicina, que serve para reforçar o sentido em contextos nos quais predomina o elemento emotivo. Por exemplo, na Andrômaca (E. Andr. 398) o vocábulo eksikmazo (cujos derivados aparecem 136 vezes no CH, significando redução do inchaço), possui um sentido de “ressecar”, chorar intensamente ou perder líquido por causa da tristeza.

b) ressignificando termos da medicina, ao lhes conferir outro sentido, além de mesclá-los com traços peculiares de seu próprio estilo. Isso pode ser confirmado pelo vocábulo megalosplagchnos, que em Medeia (E. Med. 109) significa “ousado” e no CH “com as vísceras alargadas” (Hp. Acut. 50, 53).

Tendo em vista este dois aspectos, não se pode afirmar categoricamente que *todas* as alusões à saúde e doença na poesia trágica sejam citações literais oriundas da medicina grega. Mas estamos certamente autorizados a definir um âmbito semântico e conceitual no qual as duas práxis (a da tragédia e da medicina) convivem, se encontram e trocam sentidos. Mesmo diante das incertezas quanto à datação dos tratados e das obras que foram perdidas do CH, as ideias nelas contidas, assim como a terminologia e as práticas, estavam certamente em circulação entre os médicos antes da efetiva publicação do CH, e como tais devem ter sido representadas e reconfiguradas nos palcos do teatro.

2. O uso da medicina na construção da *Dramatis Personae*

Se examinarmos de perto a construção das personagens trágicas em Eurípides, a apropriação da medicina assume contornos decisivos para a compreensão da pragmática das tragédias.

Eurípides e outros tragediógrafos utilizam ao menos três recursos para construção das suas personagens a partir da condição patológica: usando a doença como metáfora, principalmente da vida moral; desenvolvendo a figura do doente e da doença como um fio condutor na obra; construindo uma personalidade a partir de um sentido residual da medicina.

O exemplo do primeiro recurso pode ser encontrado em Orestes, que após assassinar sua mãe padece de uma enfermidade com os seguintes sintomas:

<i>Sobre a doença sagrada</i>	<i>Orestes</i>
1. Espumas na boca (Hp. <i>Morb. Sacr.</i> 4, 10), medo e angústia (Hp. <i>Morb.Sacr.</i> 4).	1. Espuma na boca (E.Or. 220-1), gemidos e lamentos (E.Or. 200-5).
2. Apresenta fraqueza depois da crise (Hp. <i>Morb.Sacr.</i> 1).	2. Fraqueza após o trauma (E.Or. 228).
3. O doente tem vergonha da sua condição (Hp. <i>Morb.Sacr.</i> 15).	3. Vergonha pela sua condição (E.Or. 280-1).
4. Desorientação e perda de memória (Hp. <i>Morb.Sacr.</i> 18).	4. Desorientação e perda de memória (E.Or. 216),
5. Gritos (Hp. <i>Morb.Sacr.</i> 1), alucinações visíveis e audíveis (Hp. <i>Morb.Sacr.</i> 14), dificuldade de respirar (Hp. <i>Morb.Sacr.</i> 1, 10).	5. Gritos e alucinações (E.Or. 255-60), dificuldades de respirar (E.Or. 155).
6. Divergência ocular (Hp. <i>Morb. Sacr.</i> 10), ranger os dentes (Hp. <i>Morb.Sacr.</i> 1), movimentos descontrolados (Hp. <i>Morb.Sacr.</i> 10).	6. Agitação corporal (E.Or. 166), perturbações na visão (E.Or. 222-4).

O paralelo é perfeito, o tragediógrafo não deixa escapar nenhum detalhe. Ele explora todo potencial metafórico da enfermidade de Orestes, lançando a partir desse as bases para estruturar o drama (SMITH, 1967, p. 291-307), em todas as suas questões morais, psicológicas e sociais.

O segundo recurso pode ser exemplificado por Hércules, o herói que enlouquece por obra de Lyssa. Um dos desafios desse drama é buscar sua unidade⁷, pois a obra parece fragmentada em duas partes: antes e depois

7 Sobre a composição, divisão e os problemas do Hércules, ver Marshall (2017, p.182-196).

da chegada do herói. O mais significativo e central para nossa discussão é que o único fio condutor que liga as duas partes seria exatamente a doença (KOSAK, 2004, p.154).

A primeira parte da trama mostra a cidade de Tebas doente por causa da *stasis* (E.HF 34, 273, 542-3, *stasei nosousa*), na qual Lico usurpa o poder assassinando Creon. O novo tirano se prepara para executar o pai, a esposa e os filhos de Hércules quando o herói retorna do Hades, dando um fim em Lico. Em seguida, Lyssa, seguindo ordens de Iris e Hera, enlouquece Hércules, que mata seus filhos e sua esposa.

Depois de recobrar a lucidez, o herói recebe ajuda de Teseu e Atena para a restauração da sanidade. Segundo Kosak (2004, p.154), há um paralelo entre Tebas e Atenas, assim como Hércules e Teseu, conflito e ordem, loucura e sanidade. De qualquer forma, a descrição da loucura segue um “padrão” hipocrático⁸ como nos mostra a comparação abaixo:

<i>Sobre as Afecções internas, 44</i>	<i>Hércules</i>
1. Cefaleia, perda parcial da audição e da visão.	1. Os seus olhos estava alterados (E.HF 932).
2. Crê que está combatendo inimigos e fala como quem está vendo lutas e batalhas.	2. Alucinações de combates contra Euristeu, (E.HF 935-965).
3. Problemas na respiração.	3. Dos pulmões vem um ar ardente (E.HF 1091-3).
4. Imediatamente recupera a consciência e fala normalmente.	4. Fala normalmente após o ataque (E.HF 1110-5).
5. Ocorrência: quando está de viagem e caminha por lugares solitários.	5. Ocorrência: volta ao lar depois de uma viagem ao Hades.
6. Causa: bÍlis.	6. Causa: deuses.
7. Tratamento: heléboro.	7. Tratamento: a prescrever.

8 Para uma análise hipocrática da loucura, cf. Pigeaud (1987, p.11-60).

O tratado hipocrático é tardio, talvez este relato tenha inspiração eurípideana, contudo o diagnóstico já está presente nas obras mais antigas como, por exemplo, *Sobre os ventos* e *Sobre a Doença sagrada*. Nota-se que na comparação acima, o elemento divino aparece como a causa do distúrbio na tragédia, enquanto que no escrito terapêutico a bÍlis é a principal agente do estado morboso. As descrições são, portanto, aproximadas, e possuem uma finalidade dramática, ou seja, mostrar a fragilidade do herói.

O terceiro exemplo se revela na figura da Medeia, que em vários momentos fornece pistas sobre a condição ginecológica⁹ da mulher grega. A própria relação de Eurípides com a intimidade das mulheres não é despida de dramaticidade: é importante lembrar que Eurípides foi satirizado por Aristófanes nas *Tesmoforiantes* (A. Th. 467-518) exatamente por expor os segredos mais íntimos da mulher grega, motivo pelo quais estas teriam tramado sua morte. Na *Medeia*, ele volta à temática do gênero e faz uma intersecção com o pensamento médico em pelo menos três momentos centrais:

a) *O primeiro descreve o status de fragilidade da mulher na Hélade. Em sua visão, a mulher é temerosa (phobou plea), incapaz de reagir perante a força e as armas (E. Med. 263-4), também ela é triste (E. Med. 231), cheia de lágrimas e frágil (E. Med. 928 gyne de thely). Da mesma forma, o autor hipocrático (Hp. Genit. 6), apesar de considerar que tanto na mulher quanto no homem constata-se a presença de sementes masculinas e femininas, afirma que se a semente que procede dos dois é mais fraca (thely), ao haver intercurso, nascerá uma menina. Da mesma forma, para o CH o embrião masculino seria mais forte (Hp. Nat. Puer. 21), solidificando mais rápido, por este motivo, movendo-se antes do que o feminino.*

b) *Outro ponto crucial reside na caracterização do papel feminino no casamento. Em Medeia, ao se casar o marido se torna dÉspota do corpo da mulher, que por sua vez deve procriar (E. Med. 232-251). Não acaso, e com um toque pré-freudiano, os médicos antigos afirmam que a virgem, a viúva e a estéril sofrem de problemas que só serão curados com a relação sexual ou com a gravidez (Hip. Mul. 2.127).*

⁹ Ginecologia é compreendida aqui não só como a especialização médica, mas todo o estudo da mulher. Sobre a forma como os médicos gregos liam os sinais corporais femininos, ver King (1993). Para um discussão mais aprofundada sobre mulheres e hipocráticos no teatro de Eurípides, cf. Hall (1997, p. 109-110); Sobre a relação Medeia e a medicina cf. Kosak (2004, 72-83).

c) *Finalmente os riscos da gravidez são levantados no drama (E. Med. 1030-1) quando Medeia invoca as convulsões, as dores (emochthoun) e o sofrimento (ponoi) no parto. De forma semelhante, os médicos descrevem o parto como um momento de sofrimento (Hp.Oct. 3-4, ponous), dores (Hp. Foet. Exsect. 3, odina¹⁰) e perigos (Hp. Superf. 2, kindynoi).*

Ao observar os paralelos entre as falas da maga e os escritos médicos, poder-se-á afirmar sem dificuldade que a imagem antiga da gravidez (ou a falta dela, e portanto da condição feminina como tal, por assim dizer) apresenta um estado patológico constante, à beira da própria enfermidade. Desta forma, a doença de Medeia é simplesmente a de ser mulher. Esta condição primitiva da mulher que encontra suas raízes nos mitos mais antigos da Grécia é anterior a qualquer culpa ou infração legal que ela tenha cometido.

3. Os pacientes de Platão

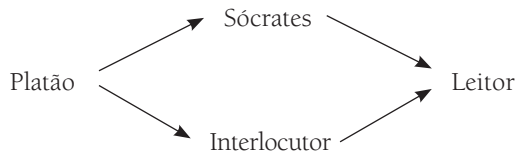
Padecer de alguma enfermidade não é privilégio das personagens de Eurípedes. Os diálogos platônicos são povoados por personagens que apresentam significativamente um quadro clínico debilitado, quando não uma doença mortal: a moléstia do quarto convidado do *Timeu* (17a); o soluço de Aristófanes, no *Banquete* (185 c-e); a cefaleia de Cármides (155 c-d); a disenteria de Teeteto (142 b); a doença mortal de Heródico de Selimbra (Pl. R. 406a-b) e até mesmo a doença de Platão (Pl. *Phd.* 59b), como justificativa para não estar presente às últimas horas de Sócrates.

As personagens dos diálogos não devem ser desprezadas por aqueles que investigam o pensamento platônico. Esta importância ocorre por dois motivos:

a) *Platão não escreveu tratados, ao contrário decidiu investir sua filosofia da prática dialética e do diálogo vivo entre as personagens; desta forma para além de conseguir aproximar-se da linguagem comum, acaba por deixar sua obra aberta, pois o leitor não pode imediatamente “descobrir” a tese de Platão sobre o tema em questão. Ao contrário, suas ideias são mediadas¹¹ pelas figuras dramáticas (SANTAS, 2010, p. 2-5), como se pode ver no esquema abaixo:*

10 Orig.: ὅστε ἀνάγκαῖον τὴν ὀδῖνα ξηρὰν εἶναι καὶ ἐπίπονον.

11 A forma de diálogos levanta várias dificuldades interpretativas. Não é evidente a posição de Platão e nem se pode afirmar que todas as posições defendidas por Sócrates são realmente suas ou do mestre da Academia, cf. Crombie (1962, p. 26-7)



b) Grande parte destas dramatis personae existiram realmente, tendo participado de momentos históricos ou batalhas decisivas (NAILS, 2002, xxxvii-xxxix). Estes marcos históricos da cidade de Atenas formam o background dos diálogos e contribuem diretamente para dar espessura dramática às personagens dos diálogos e aos temas neles discutidos. É, de fato, bastante comum que o tema em discussão guarde referências diretas ou indiretas aos fatos atenienses.

Da mesma forma, as doenças das personagens também devem ser levadas em conta na economia dramática dos diálogos. Mais precisamente, as doenças recobrem o *paper* de personagem central nos diálogos, pois o fundo histórico no qual todos eles se movimentam, o cenário do teatro filosófico platônico, é aquele de uma cidade que está doente e precisa imediatamente de cura. Em verdade, este é o mesmo cenário que encontramos nos poetas acima citados e, obviamente, o cenário que vimos remete à tragédia de Eurípides¹².

Assim, da mesma forma como Eurípides, Platão se utiliza das mesmas técnicas “médicas” da tragédia, agora a serviço de seu projeto político-filosófico: o de curar a cidade. Também, como Eurípides, Platão não cita literalmente nenhuma obra hipocrática, ao contrário, ele explora seus sentidos residuais e adota termos médicos, ora adaptando para a linguagem popular, ora satirizando, ora mesclando com seu próprio estilo. Frente a esta realidade, uma análise dos vocábulos comuns se mostra decepcionante (CRAIK, 2001, p. 81-95). A falta de proximidade entre as palavras foi notada na Antiguidade por Erotiano (p. 1918, 129, 138)¹³, que em sua *Vocum Hippocraticarum* identificou dezessete proximidades lexicais entre o *CH* e Eurípides, e somente *uma* em Platão. Entretanto, isso não significa que o filósofo da Academia deixou de se interessar pela medicina, pois a metáfora da saúde e doença é onipresente em suas obras.

12 Para uma discussão mais aprofundada desta questão, tanto em Platão como na poesia e na tragédia, cf. Brock (2013), de maneira especial o cap. V.

13 Esta mesma falta de proximidade lexical é confirmada por van Brock (1961, p.15).

Comumente a doença dos “pacientes” de Platão assume um caráter metafórico, como no caso de Heródico de Selimbra, o qual, segundo o texto da *República* (Pl. R. 406a-b), inventou um tratamento para sua moléstia funesta, prolongando sua existência langüescente até a velhice. O tratado das *Epidemias* (Hp. Ep. 6.3.18) já havia denunciado a agressividade da terapia do pedótriba de Selimbra, relatando que muitos faleceram ao seguir suas recomendações: curar o estado febril com exercícios físicos intensos. Heródico erra também ao desobedecer à definição de medicina proposta pelo *Sobre a arte* (Hp. De Arte, 2): “Livrar por completo os doentes de suas dores, mitigar a violência da doença, e não tentar curar aqueles que foram dominados pela enfermidade”¹⁴. Com grande perspicácia, Platão usa estas ideias desenvolvidas pelos médicos para atacar a própria terapêutica grega, transformando Heródico em uma metáfora da própria arte de curar da sua época que havia se transformado em uma “pedagogia da doença” (Pl. R. 406a).

Platão também usa a doença como fundamento para estruturar a temática central do diálogo, como no *Cármides*. A obra apresenta Sócrates encantado com a beleza do jovem Cármides e busca, em sua dor de cabeça matinal, um pretexto para conversar com ele. A cefaleia do rapaz, mais do que um indício de ressaca, é descrito por Crítias como um estado patológico, que segundo a medicina hipocrática pode ser mortal (Hp. Aph. 6. 51). Novamente, o filósofo apresenta a cura dizendo que não se pode tratar da cabeça separadamente do corpo, da mesma forma que não se cura o corpo isolado da alma, e nisto, diz Sócrates, consiste a falha dos médicos gregos (Pl. Chrm. 156e). Como terapia alternativa, o pensador da maiêutica, propõe um encantamento que irá curar a alma do jovem, ao que Crítias exclama dizendo que graças à dor de cabeça Cármides poderá aprimorar o conhecimento. Em cima desta afirmação toda discussão se desenvolve até o final, quando o filósofo da ágora irá se consolidar como o médico da alma.

Outra forma pela qual Platão se apropria da medicina na construção de personagens está evidenciada na paródia à própria paródia que Aristófanes faz dos médicos, no *Banquete*. Antes do seu discurso, o comediógrafo sofre uma crise de soluços possivelmente provocada pelo excesso de comida, ao que o médico Erixímaco o socorre ensinando a prender a respiração ou fazer um gargarejo com água, uma prescrição significativamente semelhante aos *Aforismos* hipocráticos (Hp. Aph. 6. 13).

14 Tradução própria. Orig.: τὸ δὴ πάμπαν ἀπαλλάσσειν τῶν νοσεόντων τοὺς καμάτους, καὶ τῶν νοσημάτων τὰς σφοδρότητας ἀμβλύνειν, καὶ τὸ μὴ ἐγχειρεῖν τοῖσι κεκρατημένοισιν ὑπὸ τῶν νοσημάτων.

A figura de Alcebiades, no *Banquete*, mereceria um tratamento especial. Ele está disposto a obedecer a Erixímaco pela sua autoridade enquanto médico (Pl. *Smp.* 214a-d): não bebe simplesmente por beber, entoa um encômio. E ao mesmo tempo este tempestuoso amante de Sócrates apresenta sintomas de perigo para sua saúde mental ao mudar constantemente de opinião (Pl. *Alc I* 116e). Jouanna (2012, p. 21-38) já havia notado que a figura de Alcebiades em Tucídides se aproxima do tratado *Regime nas Doenças Agudas*, que adverte para o perigo da *metabole*. O autor do *Sobre o parto de oito meses* é ainda mais categórico: tanto nas mulheres quanto nos homens as mudanças de lugar ou de regime de vida provocam enfermidades (Hp. *Oct.* 3). Alcebiades, como Medeia, apresenta, portanto, uma condição de sociopatia quase invencível. Ambas as personagens aparecem nos textos de Eurípedes e Platão como personagens trágicas e doentes, cujo destino está marcado infalivelmente, sem esperança, sem cura¹⁵. Esta aproximação entre as duas grandes personagens de Eurípedes e Platão pelas lentes de suas patologias mereceria certamente um estudo comparativo mais aprofundado.

Até este momento, verificamos as formas pelas quais Platão se aproximou da tragédia para construir a partir da doença suas personagens. Algo certamente em comum com a poesia e a tragédia que estavam em suas estantes, e, de maneira especial, próximo ao *modus operandi* de Eurípedes. Todavia, há algo muito preciso que parece separar o tratamento que os dois dão à fenomenologia da doença: Platão elide quase todos os sintomas das moléstias, afastando-se do realismo de Eurípedes.

Além de rejeitar Eurípedes por elogiar os tiranos (Pl. *R.* 568a-b), Platão faz uma objeção severa sobre aquilo que está implícito nesse realismo: a imitação. A primeira objeção consiste no fato de que o poeta dramático se esconde atrás da figura representada por ele, no caso o médico, incorporando suas palavras e sua aparência. De fato, a *mimesis* dramática faz com que as *personae* pronunciem “um discurso como se fosse outro (...), nesse momento, faz que sua fala se assemelhe o mais possível à de cada um que, segundo indicação sua terá a palavra” (Pl. *R.* 393c)¹⁶.

15 Discuti de forma pormenorizada os sentidos trágicos da figura de Alcebiades em Cornelli (2014) no contexto da discussão da relação interrompida deste com Sócrates.

16 Orig.: οὐκοῦν τό γε ὁμοιοῦν ἑαυτὸν ἄλλῳ ἢ κατὰ φωνὴν ἢ κατὰ σχῆμα μιμεῖσθαί ἐστιν ἐκεῖνον ᾧ ἂν τις ὁμοιοῖ;

A segunda objeção, que leva Platão a expulsar os criadores de tragédia (*tragodopoiios*) da cidade (Pl. R. 597e), reside na constatação de que eles se encontram três vezes distantes da verdade, produzindo algo que não é real:

Então, disse eu, depois disso devemos examinar a tragédia e Homero, que lhe serve de guia, já que de ceras pessoas ouvimos dizer que os trágicos conhecem todas as artes (...). Isso porque, se pretende criar belos poemas com os temas com que trabalha, o bom poeta deve criá-los como um conhecedor do ofício, ou não será capaz de criá-los. (...) Pois bem! A respeito de outros assuntos, não peçamos a Homero ou a outro poeta qualquer que nos preste contas, perguntando se um deles era médico e não somente um imitador da linguagem dos médicos, ou, segundo se diz, a quem um dos poetas antigos ou dos modernos restituiu a saúde, como fez Asclépio, ou que discípulos deixou exercendo a medicina, como os descendentes daquele¹⁷. (Pl. R. 598d-599d)

O ataque aos imitadores das *technai* ocorre por causa da sua ignorância e ineficácia na produção do bem-estar. Platão retoma Asclépio, ao dizer que nenhum simulacro do médico conseguiu restaurar a saúde como o médico mítico. Essa figura foi trabalhada pelo filósofo Livro III (Pl. R. 406a-c), no qual Asclépio é contraposto à medicina dos séculos V e IV AEC¹⁸, porque estas novas terapêuticas estavam causando mal à cidade, criando um cidadão “nosotrófico” ou cultivador de doenças.

Além de condenar a aparência, as palavras e a ineficácia dos médicos, o fundador da Academia, faz uma terceira e última objeção: emoções despertadas pelo “realismo” da tragédia se revelam nocivas à alma (Pl. R. 605c-d). Platão afirma que a tragédia exhibe um herói batendo no peito, padecendo por dores e se lamentando. Isso despertaria, na psique do espectador, emoções que poderiam desarranjar a harmonia interna do ser humano, prejudicando assim a saúde da alma e da cidade.

17 Orig.: οὐκοῦν, ἦν δ' ἐγώ, μετὰ τοῦτο ἐπισκεπτέον τὴν τε τραγωδίαν καὶ τὸν ἡγεμόνα αὐτῆς Ὅμηρον, ἐπειδὴ τινῶν [598ε] ἀκούομεν ὅτι οὗτοι πάσας μὲν τέχνας ἐπίστανται, (...) ἀνάγκη γὰρ τὸν ἀγαθὸν ποιητὴν, εἰ μέλλει περὶ ὧν ἂν ποιῆ καλῶς ποιῆσειν, εἰδῶτα ἔρα ποιεῖν, ἢ μὴ οἷόν τε εἶναι ποιεῖν.(...) τῶν μὲν τοίνυν ἄλλων περὶ μὴ ἀπαιτῶμεν λόγον Ὅμηρον [599ε] ἢ ἄλλον ὄντινον τῶν ποιητῶν, ἐρωτῶντες εἰ ἰατρικὸς ἦν τις αὐτῶν ἀλλὰ μὴ μιμητὴς μόνον ἰατρικῶν λόγων, τίνας ὑγιεῖς ποιητῆς τις τῶν παλαιῶν ἢ τῶν νέων λέγεται πεποιηκέναι, ὥσπερ Ἀσκληπιός, ἢ τίνας μαθητὰς ἰατρικῆς κατελίπετο, ὥσπερ ἐκεῖνος τοῦς ἐκγόνους,

18 Trabalhamos com detalhes esta ideia em Matsui; Cornelli (2016, p. 69-80).

Considerações finais

No *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche afirma que Sócrates queria ser médico usando a moralidade e a racionalidade (II. 11). De fato, Sócrates, como “médico da alma” (*Prot.* 313e), parece querer trazer o indivíduo para a *ágora*, para o lugar por excelência da vida política pública. Não acaso, a interpretação que Platão revela acerca do célebre adágio pítio “conhece-te a ti mesmo”, em “Alcebiades I” (131c) é a seguinte: conhecer a si mesmo equivale a cuidar de si mesmo, que por sua vez significa cuidar da própria alma (*epimelêteon psychês*). O cuidado, a cura da alma, do indivíduo que é, portanto, doente em sua condição fundamental se confunde com a própria missão da filosofia.

A filosofia de Platão dialoga intimamente, por sua vez, com o teatro, e de maneira especial com o teatro de Eurípidés. Como este último, ele parece o tempo todo querer apropriar-se do léxico da medicina e do imaginário da doença para moldar suas *dramatis personae*. O motivo para isso não falta: a doença é a marca da cidade de Atenas na passagem entre os séculos V e IV aC! Por outro lado, Platão acaba se distanciando significativamente da tragédia ao negar – como se viu – os detalhes dos sintomas que conferem um caráter “real” nas personagens.

Finalmente a “querela” entre filosofia e tragédia atinge um nível nosológico. Eurípedes, isto é, o teatro trágico, não pode ser o médico da cidade, ele está doente (como diz a anedota de Diógenes Laércio) e não consegue curar a alma com os dramas. Enquanto ele não se curar, portanto, deveria permanecer fora da *polis*.

Referências

- ARISTÓFANES. *Rãs*. Trad., introdução e notas Maria de Fátima Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- _____. *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Trad., introdução e notas Maria de Fátima Silva. 2ª edição. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.
- ARISTÓTELES. *On Breath*. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1936.
- BACELAR, A. Pragmática de uma metáfora: a cidade ferida de Arquíloco a Pindaro. *Revista Classica*, v. 30, n. 1, p. 29-41, 2017.
- VAN BROCK, N. *Recherches sur le Vocabulaire Médical du Grec Ancien: soins et guérison*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1961.

- BROCK, R. *Greek Political Imagery, from Homer to Aristotle*. London/New York: Bloomsbury, 2013.
- CORNELLI, G. Platão Aprendiz do Teatro: a Construção Dramática da Filosofia Política de Platão. *Revista VIS*, v. 9, p. 69-80, 2010.
- CORNELLI, G. Sócrates et Alcibiade. *Plato Journal*, v.14, p. 39-51, 2014.
- CRAIK, E. Medical Reference in Euripides. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, vol. 45, p. 81-95, 2001.
- CROMBIE, M.I. *Análisis de las Doctrinas de Platón: El hombre y la sociedad*. Madri: Alianza Editorial, 1962.
- DICIONÁRIO DE LATIM-PORTUGUÊS. 4ª edição. Porto: Porto Editora, 2017.
- DUNN, FM. Euripides and his Intellectual Context. In.: McCCLURE, L.K. *A Companion to Euripides*. Chichester: Wiley Blackwell, 2017, p. 447-468.
- EROTIANUS. *Vocum Hippocraticarum Collectio*. Editado por Ernst Nachmanson, Upsala: Appelbergsboktryckeri-aktiebolag, 1918.
- EURIPIDES. Helen. *Phoenician Women. Orestes*. Edited and translated by David Kovacs. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- _____. *Suppliant Women. Electra. Heracles*. Edited and translated by David Kovacs. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- _____. *Cyclops. Alcestis. Medea*. Edited and translated by David Kovacs. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- _____. Andrômaca. In: _____. *Tragédias I*. Madri: Editorial Gredos, 1991.
- FERRINI, F. Tragedia e patologia: Lessico ippocratico in Euripide. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, No. 29, p. 49-62, 1978.
- GRMEK, M. *Les Maladies à l'aube de la Civilisation Occidentale: recherches sur la réalité pathologique dans le monde grec historique, archaïque et classique*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1983.
- HALL, E. The sociology of Athenian tragedy. In: EASTERLING, PE. *The Cambridge Companion to Greek Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 93-126.
- HELMAN, C.G. Doença versus Enfermidade na Clínica Geral. *Revista Campos*, v. 10, n. 1, p. 119-128, 2009.
- HIPÓCRATES. *Generation. Nature of the Child. Diseases 4. Nature of Women and Barrenness*. Edited and translated by Paul Potter. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2012.
- _____. Sobre la Ciencia Médica. Aforismos. Sobre la Dieta en las Enfermedades Agudas. In: _____. *Tratados Hipocráticos*. Vol. 1. Madri: Editorial Gredos, 2008.
- _____. Sobre las Enfermedades de las Mujeres. Sobre la Superfetación. Sobre la Exci-sión del Feto. In: _____. *Tratados Hipocráticos*. Vol. 4. Madri: Editorial Gredos, 2008.
- _____. Epidemias. In: _____. *Tratados Hipocráticos*. Vol. 5. Madri: Editorial Gredos, 2008.
- _____. Parto de Ocho Meses. In: _____. *Tratados Hipocráticos*. Vol. 8. Madri: Editorial Gredos, 2008.

- _____. Da Doença Sagrada. Lei. In: CAIRUS, H.F.; RIBEIRO JR, W.A. *Textos Hipocráticos: O doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- _____. *On Wounds in the Head. In the Surgery. On Fractures. On Joints. Mochlicon*. Translated by E. T. Withington. Loeb Classical Library 149. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928.
- JOUANNA, J. *Greek medicine from Hippocrates to Galen: selected papers*. Leiden: Brill, 2012.
- _____. *Hippocrate*. Paris: Fayard, 1992.
- KING, H. *Hippocrates' woman: reading the female body in ancient Greece*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1998.
- KITTO, H.D.F. *Greek Tragedy: a Literary Study*. 3ª edição. Nova Iorque: Routledge, 1961.
- KOSAK, J.C. *Heroic Measures: Hippocratic Medicine in the Making of Euripidean Tragedy*. Leiden: Brill, 2004.
- LAËRTIOS, D. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. 2ª edição. Brasília: Editora UnB, 2014.
- LIDDELL, H.G; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Revisado por Henry Stuart Jones. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- LLOYD, G.E.R. *In the Grip of Disease: Studies in the Greek Imagination*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- MARSHALL, C.W. Heracles: The Perfect Piece. In.: McCURE, L.K. *A Companion to Euripides*. Chichester: Wiley Blackwell, 2017, p. 183-196.
- MATSUI, S.; CORNELLI, G. No tempo de Asclépio: a suposta engenharia genética de Platão. *Prometeus. Filosofia em Revista*, v. 9, n. 19, p. 69-80, jan./jun. 2016.
- NAILES, D. *The people of Plato: a prosopography of Plato and other Socratics*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2002.
- NIETZSCHE, F. *Götzen-Dämmerung: oder Wie man mit dem Hammer philosophiert*. Köln: Anaconda Verlag, 2008.
- PIGEAUD, J. *La Maladie de l'Âme: Étude sur la relation e l'âme et du corps dans la tradition médico-philosophique antique*. 3ª ed. Paris: Les Belles Lettres, 2006.
- _____. *Folie et Cures de la Folie chez les Médecins de l'Antiquité Gréco-Romaine: La manie*. Paris: Les Belles Lettres, 1987.
- PLATÃO. *Oeuvres Completes*. Sobre a direção de Luc Brisson. Paris: Flammarion, 2011.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- ROSENMEYER, T.G. O Teatro. In: FINLEY, M.I. (org.). *O Legado da Grécia: uma nova avaliação*. Brasília: Editora UnB, 1998, p. 141-180.
- SAFO. Poemas. In: LOURENÇO, Frederico. *Poesia Grega: de Alcman a Teócrito*. Organização, tradução e notas de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2006.

- SANTAS, G. *Understanding Plato's Republic*. Chichester: Wiley Blackwell, 2010.
- SIGERIST, H.E. *Civilização e Doença*. São Paulo: Editora Hucitec, 2011.
- SMITH, H.D. Disease in Euripides' Orestes. *Hermes*, vol. 95, H. 3, p. 291-307, 1967.
- WEST, M.L. *Iambi et Elegi Graeci Ante Alexandrum Cantati*: Callinus, Mimnermus, Semonides, Solon, Tyrtaeus, Minora Adespota. Volume 2. Oxford: Clarendon Press, 1992.